

UM ESTUDO DOS *GEOMORFOTOPÔNIMOS* DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Ana Lúcia Ribeiro¹; Carla Regina de Souza Figueiredo²

¹Estudante do Curso de Letras Português/Inglês da UEMS, Unidade Universitária de Cassilândia; Bolsista PIBIC/UEMS; E-mail: anna_lu_ribeiro@hotmail.com.

²Professora do Curso de Letras Português/Inglês da UEMS, Unidade Universitária de Cassilândia; E-mail: carladirlet@hotmail.com.

Linguística (8.01.00.00-7)

RESUMO

Vinculado ao Projeto ATEMS - Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul - a presente pesquisa colabora com os estudos toponímicos sul-mato-grossenses, uma vez que investigou especificamente os *geomorfotopônimos* catalogados no referido Projeto. A partir da análise da formação linguística (estrutura morfológica, etimologia, língua de origem e motivação) dos nomes próprios de lugares relativos às formas topográficas como elevação e depressão do terreno, averiguou-se os condicionantes ambientais e sócio-linguístico-culturais sedimentados pelo(s) denominador(es) no ato do batismo dos acidentes físicos em questão, bem como a influência das línguas indígenas na nomeação de serras, montes, vales e ilhas situados em Mato Grosso do Sul. Os resultados da pesquisa organizados em análises quantitativas e qualitativas dos nomes de lugares selecionados.

Palavras-chave: Toponímia. Projeto ATEMS. Geomorfotopônimo.

INTRODUÇÃO

Dentre os níveis da língua, o léxico representa o patrimônio vocabular de um grupo social. É capaz de registrar as inúmeras transformações ocorridas na sociedade, bem como as diversificadas formas de conhecimento. Destaca-se, neste trabalho, a investigação dos nomes próprios de lugares por acreditar que sejam signos linguísticos não apenas arbitrários, mas também motivados, uma vez que verbalizam e sedimentam muitas vezes as crenças, os valores e os costumes daqueles que nomeiam um determinado acidente físico e/ou humano, num dado contexto, numa época específica. Os topônimos são unidades lexicais capazes de cristalizar as expectativas do denominador no ato do batismo de um acidente. O processo de nomeação utilizado pelo homem possibilita uma organização mínima garantindo com seus semelhantes uma convivência harmoniosa e tranquila.

Por meio da Toponímia, ramo da Onomástica que tem por objeto de estudo o exame da origem e do significado dos nomes de lugares, pode-se analisar a estreita relação existente entre o homem e os topos que designam o espaço que ocupa. Em decorrência dos meios de expressão comuns a uma sociedade, que abrangem não só o acervo vocabular, mas o seu uso propriamente dito, a Toponímia resgata a substância de conteúdo que cada topo carrega consigo seja qual for a sua natureza (ISQUERDO, 1996, p. 80).

A estrutura de um topônimo pode ser analisada sob alguns aspectos intra e extra linguísticos. O topônimo encontra-se registrado nos mapas e nas cartas topográficas, acompanhado por um termo antecedente, com o qual forma um sintagma toponímico. Da relação do topônimo com o acidente geográfico se firma uma interação íntima que

compreende dois elementos básicos: elemento e/ou termo genérico e elemento e/ou termo específico. O primeiro é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação; o segundo, o topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-o e o singularizando dentre outras semelhantes, formando-se, então, um sintagma nominal justaposto ou aglutinado, segundo a natureza da língua em questão (DICK, 1992, p.26).

No Brasil, desde 1955, com a publicação da obra *O tupi na Geografia Nacional*, de Teodoro Sampaio, pesquisas de natureza toponímica têm sido desenvolvidas, dentre essas destacam-se a atuação da Prof^ª. Dr^ª Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP), considerada atualmente o maior expoente desta área de pesquisa, e o Projeto ATEMS¹ – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – no qual se encontrou respaldo e dados para a execução do presente trabalho.

Por não haver um estudo específico sobre os *geomorfotopônimos* situados em Mato Grosso do Sul, decidiu-se pela investigação desta taxionomia não só para contribuir com as pesquisas do Projeto ATEMS, e também por se acreditar que acidentes físicos revelam a influência das línguas indígenas na nomeação de serras, montes, vales e ilhas pertencentes ao território sul-matogrossense, e dos colonizadores desse estado ou ainda demonstram em que microrregiões há maior ou menor incidência de topônimos de origem tupi, guarani, espanhola e portuguesa. Para tanto, um estudo da estrutura morfológica, da etimologia, da língua de origem e da motivação dos geomorfotopônimos foi necessário.

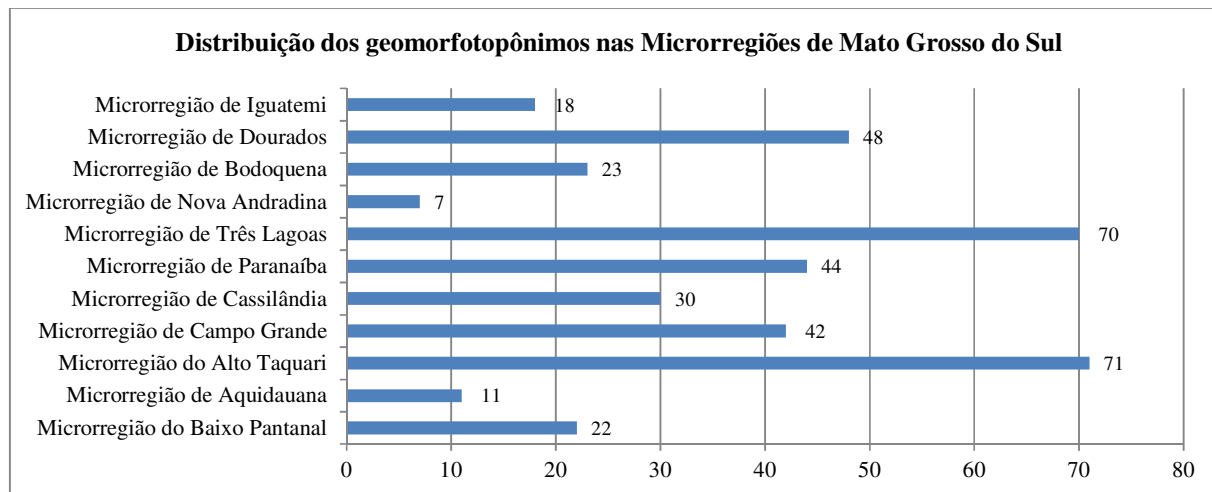
MATERIAL E MÉTODOS

Após o levantamento bibliográfico de materiais relacionados aos estudos de toponímia desenvolvidos, sobretudo nos territórios nacional e sul-mato-grossense, e dos fichamentos e das leituras complementares; a partir da consulta ao banco de dados do Projeto ATEMS organizou-se o *corpus* desse trabalho e se realizou o estudo etimológico, morfológico e motivacional dos *geomorfotopônimos* com vistas aos resultados de análises quantitativas e qualitativas dos nomes de lugares selecionados. Para tanto, buscou-se respaldo principalmente em Dick (1990; 1992) e nos dicionários *O Tupi na Geografia Nacional* (SAMPAIO, 1987), *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi* (TIBIRIÇÁ, 1985), *Vocabulário guarani-português* (SAMPAIO, 1986), *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2004), *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico* (GUERRA, 2003) e *Dicionário de geologia sedimentar e áreas afins* (SUGUIO, 1998).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao exercerem função toponímica, as unidades lexicais que se referem às formações geomorfológicas em geral, quando utilizadas para nomear acidentes físicos (rios, córregos, cabeceiras, morros, serras, etc.) e acidentes humanos (vilas, povoados, municípios, aldeias, portos, etc.), recebem o nome de *geomorfotopônimos*. Geralmente são constituídos por montanhas e montes para se reportarem às elevações; vale e baixada para depressões de

terreno; costa, cabo, angra e ilha quando visam distinguir as formações litorâneas (DICK, 1992, p.31). No estado de Mato Grosso do Sul, segundo o banco de dados do Projeto ATEMS, há 386 topônimos referentes a taxa analisada. O gráfico abaixo ilustra a distribuição dos geomorfotopônimos em cada microrregião sul-matogrossense.



As microrregiões do Baixo Pantanal² e de Aquidauana³ formam a Mesoregião dos Pantanaís sul-matogrossenses e totalizam a ocorrência de 33 geomorfotopônimos. Já na Mesoregião Centro Norte encontra-se as microrregiões do Alto Taquari⁴ e de Campo Grande⁵, que juntas somam 113 geomorfotopônimos. A Meso Leste, por sua vez, é constituída pelas microrregiões de Cassilândia⁶, de Paranaíba⁷, de Três Lagoas⁸ e de Nova Andradina⁹ e registra 151 geomorfo. As microrregiões de Bodoquena¹⁰, de Dourados¹¹ e de Iguatemi¹² formam a Mesoregião Sudoeste e totalizam 89 topônimos classificados na taxa analisada. Tais considerações são importantes para a observação de dois aspectos investigados neste trabalho: onde estão as maiores incidências de geomorfotopônimos e o quanto as línguas “dos colonizadores e dos colonizados” ficaram sedimentadas no território sul-matogrossense nas nomeações de acidentes físicos e humanos que se reportam às formações geomorfológicas. A maior quantidade de geomorfotopônimos coincide com a região caracterizada por muitas elevações, vales, baixadas e depressões de terrenos. Mas é na microrregião Sudoeste que se concentram geomorfotopônimos de línguas de origem diferentes. O quadro a seguir ilustrará melhor tais informações:

DISTRIBUIÇÃO DOS GEOMORFOTOPÔNIMOS EM MATO GROSSO DO SUL SEGUNDO A LÍNGUA DE ORIGEM E A ESTRUTURA MORFOLÓGICA.				
MICRORREGIÃO	LÍNGUA DE ORIGEM	Nº OCORRÊNCIAS	ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Nº OCORRÊNCIAS
Baixo Pantanal (MR01)	Portuguesa	22	Simples	19
			Composto	03
Aquidauana (MR 02)	Portuguesa	10	Simples	06
	Tupi	01	Composto	05

Alto Taquari (MR03)	Portuguesa	65	Simples	59
	Portuguesa+tupi	01	Composto	10
	Portuguesa+africana	01	Composto híbrido	02
	Tupi	04		
Campo Grande (MR 04)	Portuguesa	42	Simples	27
			Composto	15
Cassilândia (MR05)	Portuguesa	30	Simples	20
			Composto	10
Paranaíba (MR 06)	Portuguesa	43	Simples	26
	Portuguesa+tupi	01	Composto	17
				Composto híbrido
Três Lagoas (MR 07)	Portuguesa	68	Simples	47
	Tupi	02	Composto	23
Nova Andradina (MR08)	Portuguesa	07	Simples	04
			Composto	03
Bodoquena (MR 09)	Portuguesa	23	Simples	21
			Composto	02
Dourados (MR10)	Portuguesa	39	Simples	32
	Portuguesa+tupi	01		
	Portuguesa+guarani	01	Composto	14
	Tupi	01		
	Espanhol	05	Composto híbrido	02
	Quíchua	01		
Iguatemi (MR 11)	Portuguesa	10	Simples	10
	Portuguesa+espanhol	01		
	Portuguesa+guarani	01	Composto	05
	Espanhol	02		
	Guarani	03	Composto híbrido	03
	Guarani+tupi	01		

Conforme a discussão teórico-metodológica apresentada por Dick (1992), a formação dos topônimos pode ser encontrada sob três formas: simples, compostos e híbridos: i) **Elemento específico simples**: é formado por um único radical (seja substantivo ou adjetivo, de preferência) e pode vir acompanhado de sufixações e terminações (diminutivos, aumentativos e outros de procedência linguística). Ex: Campo (córrego/MS), Campininha (córrego/MS) e Campinas (povoado/MS); ii) **Topônimo composto ou elemento específico composto**: apresenta mais de um elemento formador, de origens diversas entre si. Ex: Barra Bonita (ribeirão/MS), Monte Alto (morro/MS) e Jardim Corcovado (lugarajo/MS); iii) **Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido**: é formado por elementos oriundos de diversas línguas, ou seja, pode ser simples híbrido ou composto híbrido. A formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou indígena + portuguesa. Ex: Monte Jaraguá (povoado/MS), Ponta Porã (município/MS).

Os geomorfotopônimos predominantes do estado sul-mato-grossense, com relação à base linguística, são os de origem portuguesa. Tal fato ocorre em razão do Estado ter sido

colonizado por portugueses. Com relação, ainda, a base linguística dos geomorfotopônimos, verifica-se a presença de nomes tupi e guarani na toponímia sul-mato-grossense. Mas, vale ressaltar que em vários países da América do Sul e em todos os Estados brasileiros, principalmente em Mato Grosso do Sul, há incidência de nomes de base indígenas que nomeiam acidentes físicos e humanos, pois um grande número de palavras do léxico tupi foram incorporadas ao português, *principalmente no âmbito da nomeação da flora e da fauna brasileira* (DARGEL; ISQUERDO, 2005, p. 313). Isso tem sido comprovado através de pesquisas toponímica sul-mato-grossense, vinculadas ao Projeto ATEMS. Porém, os vários nomes de procedência tupi em Mato Grosso do Sul não se justificam em razão de que os índios tupis habitarem o estado, pois é sabido que tal fato não ocorreria. Então por que há essa influência? Segundo Sampaio (1987, p.71), o motivo pelo qual a língua tupi tenha se espalhado por todo estado de Mato Grosso do Sul foi por que

as bandeiras quase só falavam o tupi. E se, por toda parte onde penetravam, estendiam-se os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde se introduziu com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos (SAMPAIO, 1987, p. 71)

Tais bandeiras eram compostas, em maior quantidade, por índios “domesticados”- os carijós e os tupis fortificavam as expedições, sendo em quantidade bem maior que os paulistas.

O geomorfotopônimo de origem indígena mais recorrente, no estado sul-mato-grossense, é topônimo *Camapuã* (cama-apuã) que de acordo com Tibiriça (1985) significa “peito esférico, elevação do terreno semelhante a peito de mulher arredondado”. O geomorfotopônimo *Camapuã* nomeia 01 (um) acidente humano (AH) e 06 (seis) acidentes físicos (AF), respectivamente, 01 (um) município, 01 (um) ribeirão e 01 (uma) serra em Camapuã. Denomina, também, 01(um) córrego em Anástacio e 01 (um) em Amambaí; 01(uma) serra em São Gabriel do Oeste e 01 (um) ribeirão (AF) em Ribas do Rio Pardo.

Dentre os vários nomes que traduzem as formas de relevo terrestre características em relação a elevações e depressões no estado sul-mato-grossense, os que obtiveram maior produtividade foram os topônimos *Pontal*, *Campo (do)*, *Desbarrancado*, *Pântano*, *Campo alegre*, *Barrinha*, *Cerrito*, *Furna (da)*, *Varjão*, *Brejo comprido*, *Campo limpo e Furna*. Todos são de origem portuguesa exceto *Cerrito*, classificado no banco de dados do Projeto ATEMS como espanhol.

CONCLUSÕES

Os geomorfotônimos registrados no Projeto ATEMS revelam não só a influência das características geomorfológicas de alguns acidentes físicos na nomeação de outros, assim como demonstram a tendência humana de se identificar e marcar presença em um território por meio da língua, além de aspectos sócio-históricos-culturais que interferem em toda e qualquer nomeação de lugar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS/PIBIC que viabilizou recursos financeiros a fim de que o desenvolvimento desta pesquisa fosse possível.

REFERÊNCIAS

Teses e Dissertações

DARGEL, A. P.T. P., ISQUERDO, A. N. *A toponímia do bolsão sul-mato-grossense e a questão dos estratos linguísticos formadores dos topônimos.*(Programa de Mestrado) Campo Grande: UFMS, 2005.

Livros

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello; SOUZA, Zélia Peres de. *História do Mato Grosso do Sul.* São Paulo: FTD, 2005.

GUERRA, Antônio Teixeira. *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento de Estudos Geográficos e Sócio-Econômicos – Departamento de Geografia. *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente.* 2ª Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani-português.* Porto alegre: L&PM, 1986.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional.* 5.ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF:INL,1987.

SUGUIO, Kenitiro. *Dicionário de geologia sedimentar e áreas afins.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi.* São Paulo: Traço, 1985.

¹ A partir da consolidação dos dados analisados em seis dissertações que contemplaram o território sul-mato-grossense, orientadas por Isquerdo e defendidas no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a elaboração do Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul passou a ser um objetivo almejado por uma equipe de pesquisadores vinculados às Instituições de nível superior UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), USP (Universidade de São Paulo), e UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). Financiada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, a FUNDECT, o Projeto ATEMS visa a demonstrar peculiaridades linguísticas, históricas, geográficas, culturais, sociais e ambientais do espaço pesquisado a partir do estudo da designação dos *topos*. O *corpus* deste plano de pesquisa foi retirado do banco de dados do Projeto ATEMS.

² A microrregião do Baixo Pantanal é composto dos municípios de Corumbá, Ladário e Porto Murtinho.

³ Pertencem à Microrregião de Aquidauana os municípios de Aquidauana, Anastácio e Dois Irmãos do Buriti.

⁴ Alcinópolis, Camapuã, Coxim, Figueirão, Pedro Gomes, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste e Sonora formam a Microrregião do Alto Taquari.

⁵ Bandeirantes, Campo Grande, Corquinho, Jaraguari, Rio Negro, Rochedo, Sidrolândia e Terenos formam a Microrregião de Campo Grande.

⁶ Pertencem à Microrregião de Cassilândia: Cassilândia, Chapadão do Sul e Costa Rica.

⁷ Aparecida do Taboado, Inocência, Paranaíba e Selvíria constituem a Microrregião de Paranaíba.

⁸ Água Clara, Brasilândia, Ribas do Rio Pardo, Santa Rita do Pardo e Três Lagoas formam a Microrregião de Três Lagoas.

⁹ Anaurilândia, Bataquassu e Nova Andradina constituem a Microrregião de Nova Andradina.

¹⁰ Os municípios de Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Nioaque formam a Microrregião de Bodoquena.

¹¹ Amambai, Antônio João, Aral Moreira, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Itaporã, Juti, Laguna Carapá, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Ponta Porã e Rio Brillhante pertencem à Microrregião de Dourados.

¹² Coronel Sapucaia, Eldorado, Iguatemi, Ivinhema, Jateí, Novo Horizonte do Sul, Paranhos, Sete Quedas e Tacuru formam a Microrregião de Iguatemi.